

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA SOCIEDADE EXCITADA: A RÉGUA E O COMPASSO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.

Juliana Rossi Duci¹

Grupo 5.4. Função social da educação a distância: trabalho, cidadania e emancipação

RESUMO:

O texto busca aprofundar o debate sobre a sociedade excitada e a inserção da educação a distância nesse contexto. Alicerçada nos meios tecnológicos e dependente de tal alicerce a sociedade, é, ao mesmo tempo, estimulada por choques audiovisuais que provocam uma transformação profunda em nosso sensorio, afetando a maneira de nos compreendermos enquanto indivíduos e coletividade. Nesse sentido, observamos, sob o referencial atual da teoria crítica da sociedade, como a EaD se relaciona com os contextos físico, psíquico e social que se manifesta através dos aparatos tecnológicos. Assim, lançamos mão da análise do filósofo alemão Christoph Türcke, o qual demonstra a construção materialista-histórica de nossa percepção e como essa decompõe o sensorio humano àquilo que Türcke chama de “distração concentrada”. Pensamos, então se a EaD aprofunda a “distração concentrada” ou pode ser um instrumento a fim de promover a emancipação?

Palavras-chave: Educação a distância, sociedade excitada e novas tecnologias.

ABSTRACT:

DISTANCE EDUCATION SOCIETY EXCITED: A RULER AND COMPASS OF CONTEMPORARY SOCIETY

The text aims to deepen the debate about excited society and the insertion of distance education in this context. Based on technological means and depending on such basis to be perceived the society is at the same time stimulated by audiovisual shocks that provoke a deep transformation in our senses affecting in a significant way our means to understand ourselves as individuals and colectivity. We observe under the present referential of critical theory of society how distance learning strikes and is stricken by physical, psychical and social context that manifests itself through technological apparatus. Therefore, we draw on the analysis made by the philosopher Cristoph Türcke who demonstrates the historical construction of our perception and how it modified itself, what Türcke called “concentrated distraction”. And we think about how distance education happens, does it deepen and develop “concentrated distraction” or can it be an instrument this transformation in order to promote emancipation?

Keywords: Distance education, excited society and new technologies.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – UNESP/FCLar e tutora virtual do curso de Pedagogia UFSCar/UAB – ju.duci@yahoo.com.br

1. A educação a distância e o acesso ao ensino superior no Brasil

A expansão educacional em nosso país é tema há muito discutido, e nas duas últimas décadas recebeu ainda maior atenção, principalmente o ensino superior, o qual atravessa uma fase de exigências que demandam qualidade e acesso.

Em consonância com as orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, promulgada em 1996, estados e governo intensificaram suas políticas educacionais na expansão de vagas no ensino superior e uma das estratégias que se ampliam com grande intensidade se vale da modalidade de educação a distância (EaD). A legislação caracteriza a educação a distância como

modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos. (1º Parágrafo do Decreto-Lei nº 5.622 de 19 de dez. 2005)

Tal modalidade se realiza através de uma grande estrutura logística e organizacional (pólos de apoio, tutoria, coordenação de mídia e de conteúdo, estrutura física etc.), afinal é tratada como expoente para o desenvolvimento econômico, político e social de nosso país.

Compreendendo, portanto, a importância da EaD em nosso sistema educacional propomos a reflexão sobre o contexto social atual em que se estrutura e como tal política pode contribuir de forma efetiva para promoção da cidadania e da emancipação de nossa sociedade, sem que se aprofunde a crença em relação os meios tecnológicos enquanto arautos da resolução dos problemas da educação nacional.

Tedesco (2001) argumenta que, para explicar essa situação é preciso entender que estamos vivendo um processo de profunda transformação que engloba o surgimento de novas formas de organização social, econômica e política, sendo fato a necessidade de refletirmos sobre o papel da educação diante dessa “nova” realidade. O autor afirma que a função social da educação necessita abordar dois pontos problemáticos: “definir os conhecimentos e as capacidades que a formação do cidadão exige e a forma institucional pela qual esse processo de formação deve ocorrer”. (TEDESCO, 2001,p.21)

Diante deste processo de mudanças, se faz necessário reformular as perguntas básicas sobre os fins da educação, sobre quem assume a responsabilidade de formar as novas gerações e sobre qual legado cultural, quais valores, qual concepção de homem e de sociedade desejamos transmitir. E a fim de responder a essa “nova realidade” e sanar essas questões, o MEC – Ministério da Educação e Cultura – e as instituições públicas que desenvolvem a EaD afirmam que essa modalidade contribui para a construção de um novo paradigma da educação brasileira.

As potenciais benesses que a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) pode promover são afirmadas enquanto elementos de justificativa para a incorporação e expansão desse modelo por parte das Instituições de Ensino Superior (IES), e nesse sentido elencamos alguns dos potenciais operacionais valorizados:

- trazer para a universidade um enorme potencial didático-pedagógico; - ampliar oportunidades onde os recursos são escassos; - familiarizar o cidadão com a tecnologia que está em seu cotidiano; - dar respostas flexíveis e personalizadas para pessoas que exigem diversidade maior de tipos de educação, informação e treinamento; - oferecer meios de atualizar rapidamente o conhecimento; - estender os espaços educacionais; - motivar os profissionais e alunos para aprender continuamente, em qualquer estágio de suas vidas.

A educação a distância, apoiada em tal operacionalidade, se estrutura e ganha cada vez mais adeptos – e financiamento –, para que realize seu potencial de superação do modelo tradicional de ensino e promova a atualização do conhecimento no ambiente escolar, condizente com as novas gerações e com suas características de dinamismo, velocidade, diversificação, volatilidade e de repúdio à obsolescência – *programada* - dos conteúdos e dos aparatos tecnológicos (PALOFF e PRATT, 2004, p.47).

2. A formação do sensorio humano e a sociedade excitada

Ao nos dedicarmos aos estudos das características da EaD e da geração que nasce nesse contexto analisamos a sociedade contemporânea a partir do referencial atual desenvolvido pela Teoria Crítica da Sociedade, em especial os estudos do filósofo alemão Christoph Türcke² em seu livro *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*³ (2010).

Buscando minuciosamente caracterizar essa sociedade adjetivada como excitada, Türcke (2010) se baseia nas reflexões marxistas, frankfurtianas e freudianas a fim de aprofundar o debate sobre as transformações que nosso sensorio sofreu ao longo de sua estruturação, “as quais modificam as nossas bases neurais elementares” (TÜRCKE, 2010, p.12) e que formam a base de toda a cultura.

O caminho traçado por Türcke (2010) baseia-se no referencial materialista-histórico e filogenético sobre a compulsão à repetição e a construção da cultura, apontando as consequências que a alta tecnologia e os aparatos tecnológicos audiovisuais introjetam, na atualidade, em nosso sistema nervoso, um modelo de intuição e comportamento que clama por estímulos imagéticos e sonoros para a construção da identidade.

Na busca por “decifrar as artimanhas” da sociedade excitada, Türcke (2010) avança na investigação sobre a história da “sensação⁴” - entendida como uma “torrente

² Nascido em 1948, atualmente é professor da Escola de Artes Visuais de Leipzig, de formação inicial em teologia e filosofia.

³ TÜRCKE, Christoph. *Sociedade Excitada: filosofia da sensação*. Trad. Antonio A. S. Zuin (et al.) – Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2010.

⁴ De acordo com Türcke (2010,p.9) a palavra “sensação” inicialmente era sinônima de “percepção”, porém deslocamentos, condensações e contrações fizeram esse significado se transpor para aquilo que “magneticamente atrai a percepção: o espetacular, o chamativo”, demonstrando que “o deslocamento na palavra ‘sensação’ – da percepção totalmente comum para a percepção do incomum e finalmente para este próprio incomum – seguiu este padrão: do geral para o particular”. Deslocamento esse que permitiu ao autor afirmar que as sensações estão se tornando “as marcas de orientação e as batidas do pulso da vida

de estímulos excitantes e chamativos” - que desde o Paleolítico até os dias atuais, interfere fisiologicamente em nosso sensorio perceptivo. Um desenvolvimento maior dessas artimanhas acontece de forma intensificada a partir da Revolução Industrial:

A sociedade moderna se ara como nenhuma sociedade anterior. Seu progresso tecnocientífico minou tudo aquilo que pareceu ser natural: relações estabelecidas de trabalho, de propriedade e patrimoniais, hábitos superados, rituais, fundamentações de crenças, ritmos e extensões de vida comuns, velocidade, formas de pensamento e de percepção. Nada é óbvio mais. Somente o inconstante se tornou constante: o estado de inquietude geral, de excitação, de efervescência. (TÜRCKE, 2010, p.9)

Nesse sentido, TÜRCKE (2010) caracteriza a sociedade da sensação, como aquela que busca pela válvula de escape, pelo alívio de todas as tensões, mesmo que só por um fugaz momento. O aparato audiovisual é aquele que inflaciona ao infinito essa busca incessante através das torrentes de estímulos provocadas pelos meios de comunicação, os quais direcionam nossas sensações, porém sem permitir que se possa dominá-las, já que no instante seguinte outro choque audiovisual se injeta em nosso aparelho sensitivo. E é nesse cenário inflacionado de estímulos que a educação a distância se insere de forma cada vez mais profunda.

Fazer “propaganda de si próprio” torna-se, nesse contexto, um imperativo de autoconservação: “quem não chama a atenção constantemente para si, quem não causa uma sensação corre o risco de não ser percebido”. (TÜRCKE, 2010, p.42) *Esse est percipi* (“ser é ser percebido”) ser tornou, portanto o paradigma da sociedade excitada: é necessário ser percebido e, para tanto, deve-se emitir, já que o “não emitir é equivalente a não ser”. Essa compulsão à emissão adquire um caráter de condição existencial, e a não existência midiática, faz o indivíduo parecer morto, e o seu contrário irradia a representação de uma vida plena, mesmo que seja feita através de *pixels*. É essa a realidade impulsionada pelos aparatos audiovisuais.

A intensificação do estímulo sensorial, a qual promove a ilusão de trazer de volta ao indivíduo à percepção subtraída, é na realidade aquela que o anestesia, pois a busca incessante pela “vivência autêntica”, e permanência das impressões é algo constitutivo da percepção própria, a qual é transformada em fermento de experiência, porém ao aprofundar essa “experiência” o sistema nervoso passa a organizar a nossa percepção. Essa organização, segundo o autor é reflexo de um “bombardeiro audiovisual” que promove o entorpecimento dos sentidos. Precisamos cada vez mais de doses de sons e imagens excitantes (como de pessoas feridas, desfiguradas, aterrorizadas, cenas de violência e de sexo, etc) que representam a “normalidade” e que praticamente “não são mais percebidas senão para novas doses aumentadas de excitação” (TÜRCKE, 2010, p.68).

Essa anestesia sensorial se realizava de forma diferenciada à época do rito sacrificial, da coletividade clânica, homogênea e primitiva, onde a escassez do espetacular e a epifania do sagrado provocavam tal torpor. Atualmente o que chamamos de sensorial, não chega a se tornar tão espetacular quanto os eventos culturais eram para

social como um todo”.

as coletividades antigas, chegando-se a constatação que “as sensações de hoje são pálidos sucedâneos da epifania do sagrado inflacionados sob condições de concorrência global até se tornarem irreconhecíveis”. (TÜRCKE, 2010, p.167)

Nesse sentido, atualmente nada mais parece lembrar o longo processo de familiarização e profanação que o sensorio humano percorreu para uma situação cultural bem temperada, “normalizada”. O sensorio humano é o resultado de uma “longa desescalada da sensação”. Essa desescalada se concretiza no “retorno ao fundamento” elucidado por Hegel. Ou seja, atualmente os meios audiovisuais buscam “revolver a excitação sedimentada nele”. O sucedâneo, que criamos para que a excitação no sistema nervoso seja capaz de absorver, se torna uma cifra desse excesso de excitação.

A revolução da alta tecnologia deixa reconhecer sinais claros de uma volta em direção ao arcaico. Mas sua força propulsora é o choque audiovisual. Ele adquire a condição de um rodaminho da história da humanidade. Seu “eis” profano, fugidio, milhões de vezes inflacionado, não é apenas o imã da atenção por excelência (...) e sim, como agora fica claro, ao mesmo tempo a herança universal daquelas sensações primevas que antes apareciam como a epifania do sagrado. Mas na medida em que ele toma posse dessa herança, o choque audiovisual se torna sensação absoluta. (TÜRCKE, 2010, p.172)

3. A educação a distância, a “distração concentrada” e a construção do conceito.

Ao compreendermos a “desescalada da sensação” que o aparato audiovisual realiza em nosso sensorio, Türcke (2010) nos leva a refletir que toda a mudança de significado que a palavra “sensação” sofreu e que se fixou a partir da Revolução Industrial, demonstra que estamos, de fato, retornando à nossa origem, realizando o que autor chama de “retorno ao fundamento”.

Tal conceito, apropriado de Hegel, nos permite compreender que as “picadas óticas” que são exigidas pelo sensorio humano na atualidade são a nossa tentativa de lidar com os choques que promovem o nosso pertencimento enquanto sujeitos, e para sermos percebidos é necessário lidar com essa torrente de estímulos e isso só é possível através da compulsão à repetição, ou seja, através de estímulos excitantes constantes. Deste modo, o nosso sistema nervoso é inundado pelo audiovisual fazendo com que o indivíduo perca a capacidade de absorvê-los e percebê-los, já que são inflacionados e não damos conta de tanta demanda.

Os choques emitidos pela “metralhadora audiovisual” distraem a atenção sistematicamente, decompondo o sensorio humano àquilo que Türcke (2010) chama de “distração concentrada”, resultando em um regime do espetacular e do sensacional. E nesse sentido pensamos como a educação a distância se realiza: ela aprofunda e desenvolve a “distração concentrada” ou pode ser um instrumento de “freio” dessa transformação a fim de promover a emancipação? Ou seja, a EaD, enquanto um instrumento de formação que se utiliza dos aparatos tecnológicos e audiovisuais, colabora ou não para essa constante torrente de excitação?

A “distração concentrada” é característica de uma formação social moderna que interveio no ritmo natural de produção da tensão – e de sua redução -, da concentração e da distração, de uma maneira inaudita. Podemos verificar esse processo no filme do britânico Charles Chaplin, *Tempos Modernos (1936)*, em que o brusco movimento repetitivo - que atinge todo o corpo do trabalhador da linha de montagem – se torna independente do sujeito, pois o indivíduo continua a repetir o mesmo movimento da fábrica em todas as demais situações vividas pelo personagem.

Esse exemplo estético de Chaplin demonstra a força de decomposição do ser humano, que a exigência da concentração na atividade de produção provoca. Esse efeito é repassado para o cinema e conseqüentemente para a maneira como realizamos a nossa “conduta receptivo-estética”. A pancada que o trabalhador se “decompõe” também corresponde ao choque da imagem cinematográfica, da propaganda e das demais imagens que somos constantemente expostos. De modo fulminante, o choque concentra a atenção num ponto, para poder triturar essa concentração através de incontáveis repetições. O meio de concentração é, propriamente, o meio de decomposição. (TÜRCKE, 2010, p.266).

Ou seja, a partir da incorporação do choque em nosso sensorio e da necessidade de excitação constante, a nossa distração, o nosso lazer e entretenimento, exigem o mesmo nível de concentração e tensão que vivenciamos no mundo do trabalho. Para nos sentirmos pertencentes à realidade atual, o sensorio humano é altamente modificado e transformado, pois no dia a dia aquele que pretende se atualizar, deve permanecer constantemente na mira do tiroteio midiático, pois o que “atinge, toca, comove é aquilo que, enquanto injeção, foi agudizando o suficiente nosso sistema nervoso e, ainda que seja apenas por um instante, chama a atenção”. E essa obrigação e alta pressão podem tornar-se uma coerção generalizada da percepção, revelando a “distração concentrada”.

Nesse sentido Türcke aponta uma profunda modificação em nossa “conduta receptivo-estética”, a partir dos anos de 1970, pois houve uma “mutação memorável”, uma “subsunção reversa”; iniciou-se uma “revolução microeletrônica” e a tela anteriormente restrita ao cinema penetrou de forma profunda e decisiva, por meio do computador e das mais diversas plataformas⁵, no mundo do trabalho em que processos inteiros de produção e administração perpassam por ela, se apresentando assim como um instrumento de ensino do futuro. (TÜRCKE, 2010, p.267)

O choque fílmico e a atividade de trabalhar se tornaram um só. O imperativo categórico “ser é ser percebido” se transforma, ao mesmo tempo, em necessidade econômica e em lazer e entretenimento, e a “vivência” junto à tela do computador, a qual não provoca solavancos espetaculares, adquire a aparência de tarefas de trabalhos virtuais e nesse sentido toda a existência começa a depender de estar presente, e de ser esteticamente percebido. Ou seja, a imagem do computador transformou-se no ponto de identidade e de reciprocidade do trabalho e do tempo livre, num ponto de coesão social e de concentração global sem precedentes, fazendo isso de forma fugaz, difundida e difusa. (TÜRCKE, 2010, p.268)

Assim podemos perceber o quanto o nosso sensorio e a nossa concentração são explorados nervosa e esteticamente, pois a exposição ao “conta-gotas midiático”

⁵ Tablets, smartphones são aparelhos que atualmente possuem todos os mecanismos audiovisuais necessários para que recebamos nossas doses diárias de “choques”.

preenche o tempo vazio e esvazia o próprio interior humano, na tentativa neurológica de poder suportar o afastamento da natureza, demonstrando a imposição global do mundo de produção capitalista que tem em seu refinado aparato audiovisual a aproximação com a exploração em que os choques audiovisuais são qualificados como forma *high tech* do sagrado.

Essa interferência na concentração também provocou grande influência na construção de nossas representações mentais, as quais são compostas de imagens decorrentes da percepção e intensamente desmaterializadas, pois derivam das impressões visuais, auditivas, táteis, palatáveis ou olfativas. O refinamento das representações acarreta na construção do conceito, o qual não pode existir sem o seu fundo imagético.

A necessidade da imagem para a construção do conceito experimentou com a fotografia, com o cinema e mais recentemente com a televisão e com a internet uma “abreviação técnica inaudita”, promovendo uma violenta abstração, que dissolveu na imagem técnica e retirou, do sistema nervoso, a sua capacidade de abstração, já que os aparatos técnicos passaram a realizá-la. Ocorre então uma sobreposição e penetração das imagens externas – observáveis, bem contornadas e chamativas – em relação às imagens internas – não observadas e fugazes – que se empalidecem tornando-se tão abstratas, “que elas não mais conseguem conservar-se e necessitam das imagens externas como apoios. Então, as imagens externas formam as imagens internas”(TÜRCKE, p.284-285, 2010).

Para Marcuse (1979) a capacidade de pensar conceitualmente está sendo bloqueada pela abreviação e pela unidimensionalidade do pensamento. Nesse processo de repressão da reflexão, a palavra absorve o conceito, tornando-se, por assim dizer, um clichê que evita o desenvolvimento genuíno do significado. O conceito é, dessa maneira, substituído por imagens externas que identificam a coisa com sua função na realidade estabelecida, anunciando um comportamento padronizado. Assim, milita contra a abstração e a mediação, rendendo-se ao imediatismo dos fatos e repelindo o reconhecimento dos fatores que estão por trás daqueles, bem como seu conteúdo histórico.

Nesse sentido, Lastória (2011) afirma que sob a regência do modo de produção capitalista se verifica, no plano da cultura, não apenas uma redução da "sociedade da sapiência" a "sociedade da informação", esta última decodificável em moldes estritamente behavioristas, mas também a torna convergente com a "sociedade do design". Para o autor verifica-se que a significação, "única função da palavra admitida pela semântica, consoma-se no sinal". E que esse "reforça-se com a rapidez com que os modelos linguísticos são colocados em circulação de cima para baixo".

Esse debate se aprofunda em Türcke (2010), o qual nos ajuda a perceber, que com o avanço da internet e dos meios audiovisuais a ela relacionados, cada vez mais a linguagem se desenvolve em formas icônicas em detrimento do texto alfabético e da leitura. Portanto, inversão da formação da imagem impacta diretamente a construção do conceito que se transforma naquilo que mais necessita de imagem! Convertendo, desse modo, na construção de conceitos de segundo grau, em representações ou ecos de si mesmos, em sucedâneo de conceitos. É essa inversão que questionamos quando

pensamos a atuação da EaD: será que ela promove a formação de primeiro ou segundo grau do conceito? E quais as implicações disso?

Quando pensamos em vídeo-aulas exibidas com cerca de 20 minutos, as quais devem expor o conteúdo resumido da disciplina, sendo esse o norte que guiará o aluno em sua formação seguinte, é possível realizarmos a abstração necessária para a construção do conceito? As vídeo-aulas, as plataformas de estudo, corroboram com a chamada “abreviação técnica inaudita”? A “distração concentrada” é reforçada através dessas ações?

4. Conclusão

A caracterização da construção do conceito que apresentamos vai de encontro com as formas de construção do pensamento compreendidas enquanto escrita e leitura, duas ações que estão sofrendo revezes por conta de uma “nova legibilidade (que) é produzida com meios que torna ilegível todo texto mais extenso”. (TÜRCKE, 2010, p.299)

Essa dificuldade está posta e é tema subjacente de nossa reflexão, pois é fato que a escrita e a leitura não se cercam de empurrões e choques imagéticos. Para se atingir a comunicação na sociedade da sensação, escrita e leitura, devem proporcionar um *layout* que se imite a técnica do choque, sendo a noção de hipertexto⁶ a manifestação dessa estética. Assim concordamos com Türcke (2010) quando afirma que

para que ainda se suporte, em geral, o decifrar dos conceitos e das linhas escritas, faz-se cada vez mais urgentes a presença de um intervalo da forma de um gráfico ou de pequenas imagens. Pertencem aos pressupostos silenciosos de todo *print design* que, sem intervalo, ninguém mais tem concentração e persistência para ler um texto do início ao fim, linha por linha. O procedimento de leitura, não só o procedimento de folhear uma revista, como também o científico, assemelha-se ao *zapping*, que se tornou normal defronte à tela. E os teóricos da mídia, tais como agentes de publicidade, vendem esse estado de emergência como uma nova virtude, como se fosse a libertação da servidão das sequências de letras, que seriam substituídas por uma leitura divertida e espontânea que produziria, em vez dos textos fixos, seus próprios textos de forma criativa. (TÜRCKE, 2010, p.285)

Na tentativa do hipertexto de promover o “pensamento flexível e emancipado a partir de uma associação sem limites do cérebro”, esbarra-se na fugacidade e espontaneidade das associações vivas, as quais não podem ser limitadas e condicionadas ao pressionar de uma tecla. Associação fixada não é mais associação, e quem deseja arrancar dele o segredo do associar é sugado num regresso sem fim. A tentativa de captar a associação livre num *link* evoca a existência de uma armadura infindável de *links* posteriores, sem que nunca ocorra a captação. (TÜRCKE, 2007 p.31)

⁶ Sobre a noção de hipertexto sugerimos a leitura do texto de Pierre Lévy A metáfora do Hipertexto. In: **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

Podemos pensar a formação do conceito nessa sequência prevista de cliques que a EaD promove? Nesse sentido, Türcke afirma que o hipertexto, da maneira em que está sendo utilizado não se realiza de forma essencial, pois não é permitida a real associação livre. Na EaD a associação livre, que permite o pensamento flexível e emancipado é realizada quando temos que cumprir passos (etapas/*links*/cliques) pré-determinados para alcançar a informação já disponibilizada?

Desta forma, Türcke (2010) nos alerta para seguinte consequência; quando os textos forem escritos e posteriormente lidos a partir de uma tipografia estilizada, o seu conteúdo passará a ser observável e “então as letras, enfeitadas pelo choque imagético, começam a dar impressão de serem imagens volatizadas, encobertas e danificadas, as quais clamam por imagens abertamente expressivas e instigantes”. (TÜRCKE, 2010, p.287) E essa consequência fornece o indício que comprova a redução a mera reação aos estímulos, “a uma sensação esporádica e pontual, a percepção sensorial torna-se sem apoio e abstrata, tal como ocorre com a construção conceitual apartada de seu fundo imagético. (TÜRCKE, 2010, p. 287)

Diante dessa “mera reação” Türcke nos coloca para refletir sobre o chamado “pré-prazer” freudiano, o qual constitui gradualmente o prazer. Nesse sentido, entendemos que o “pré-prazer” é composto por satisfações substituídas, fato expresso no significado original da palavra “virtual”: “força ou possibilidade para o existente”. Ou seja, o pré-prazer é uma forma original de realidade virtual.

Reconhecemos desta forma, os *realite show* e as redes sociais, e por que não o AVA (ambiente virtual de aprendizagem) da educação a distância, enquanto “maquinaria pré-prazerosa e tecnologicamente avançada e que possui todos os sinais de independentização na condição de substituto do prazer” (TÜRCKE, 2010, p. 289), ou seja de sucedâneo da experiência concreta da formação do conceito.

A proximidade obtida permanece na condição de sensação: surfa-se ao redor, realiza-se o pré-prazer duradouro de uma satisfação continuamente ausente. E dessa forma colocamos para reflexão a EaD, pois para Türcke (2010) toda comunicação mediada se nutre da comunicação imediata e a ela permanece referida, ou seja,

toda comunicação realizada por meios técnicos, da carta até a Internet, tem caráter secundário, se originou como recurso para a superação da ausência e do isolamento; e o cultivo de tais expedientes, para as mais detalhadas formas de arte e de expressão, só logra êxito se partilha algo de privação da qual ela nasceu. Uma comunicação secundária, que se isola totalmente da primária, e se relaciona com outro ser vivo exclusivamente por meio de correio ou de canais técnicos, realiza o estado de coisas da tortura do isolamento. (TÜRCKE, 2010, p.290)

Assim sendo, essa virtualidade e pré-prazer são constantemente provocados pelos aparelhos midiáticos, que irradiam estímulos os quais nunca promoverão o alcance do prazer, e tamanha frustração faz com que os substitutos se transformem na própria coisa: em fetiches, em substâncias que viciam fazendo com que esses estímulos sejam cada vez mais absorvidos e enrijecidos a fim de evitar o “desprazer que se engendra quando eles não são mais absorvidos” (TÜRCKE, 2010, p. 292). A EaD seria o instrumento que promoveria a superação desse sucedâneo, do falseamento da experiência?

A fim de buscar diálogo sobre o tema e ao mesmo tempo tentar refletir sobre mecanismos que possam nos devolver a experiência primeira, eliminando o sucedâneo, TÜRCKE lança uma possibilidade de ação a fim de frearmos a locomotiva rumo à sensação absoluta. Baseando-se em Walter Benjamin⁷ (1940) formula sua sugestão de resistência, em que

... a ideia do freio pode tornar-se extraordinariamente produtiva, pois pode tornar-se o denominador comum de inúmeras ações e atividades dispersas e desconexas, nas quais o potencial difuso de revolta, presença na condição de vício em geral, recebe o perfil de resistência. (...) A dosagem pertence à vacina, e todo dosar é freio, ou seja, alimentar o organismo com substância tóxica em doses pequenas, de tal modo que ela domine ao invés de ser por ela subjugado. Pais e professores agem diariamente como freios quando eles dosam o consumo de imagens televisivas das crianças, sendo esta uma atividade pouco valorizada. (...), ou seja, ocorreu um opor-se ao embotamento, àquilo que foi anteriormente nomeado como exploração estética-neurológica. (TÜRCKE, 2010, p.303-304)

A tentativa não é de recusar o prazer, e sim o “falso prazer”, a mera reação a estímulos. A proposta é de “legítima defesa cotidiana”: um autovacinar e uma autoblindagem diante da torrente de estímulos.

Realizamos, portanto, em certa medida, uma apresentação do pensamento atual herdado da Escola de Frankfurt, a fim de analisarmos a profundidade da Indústria Cultural na vida contemporânea. A construção filogenética e materialista histórica do nosso aparato sensitivo se realiza na medida em que os “choques” são elementos primeiros de nossa percepção, dos quais nos formamos enquanto sujeitos e sociedade. A partir da chamada Modernidade, a busca por “injeções de estímulo” se intensificou e a exposição à metralhadora audiovisual se tornou elemento necessário para o nosso pertencimento na sociedade excitada. Essa maneira particular de compreender a atualidade nos permitiu refletir sobre um objeto específico que vem se afirmando de forma exponencial em nossa sociedade, a educação a distância e suas manifestações audiovisuais.

A fim, portanto, de lançar luz sobre um objeto que se destaca com tamanha relevância no campo educacional, encerramos este trabalho deixando questões em aberto e pretendendo, mais que respondê-las, fomentar a discussão em busca de um olhar crítico e de ações concretas a fim de que o potencial da Educação a Distância possa ser concretizado. Mas, afinal, como faremos isso?

⁷ Benjamin, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987. Disponível em: http://www.antivalor.kit.net/textos/frankfurt/benjamin_01.htm Acessado em 15 abr. 2012.

5. Referências

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. Disponível em: http://www.antivalor.kit.net/textos/frankfurt/benjamin_01.htm Acessado em 15 abr.2012.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: **Livro XVIII** - Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Disponível em:

<http://lacan.orgfree.com/freud/textosf/alemdoprincipiodeprazer.pdf> Acessado em 14 abr. 2012.

HEGEL, G.W.F **Ciência da lógica**, obras,t.5.Frankfurt: Moldenhauer: Michel, 1969.

LASTÓRIA, Luiz A. C. N. Considerações sobre a atualidade da formação cultural/educacional: novos desafios para a pesquisa. **Impulso**, Piracicaba Vol.20, n.49, p. 9-15, jan/jun. 2010.

LÉVY, Pierre. A metáfora do Hipertexto. In: **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: 34, 1993.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Rio de Janeiro. Zahar, 1982.

PALOFF, Rena M.;**PRATT**, Keith. Quem é o aluno virtual? In: **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line**. Porto Alegre, RS. Editora Artmed, 2004.

TEDESCO, Juan Carlos. **O Novo pacto Educativo**. São Paulo: Ática, 2001.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade Excitada: filosofia da sensação**. Trad. Antonio A. S. Zuin (et al.) – Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2010.

_____. Hipertexto. In: **A Indústria cultural hoje /Organização Fábio Akcelrud Durão, Antônio Zuin, Alexandre Fernandez Vaz.-São Paulo: Boitempo, 2008.**